

CAP

Cadernos de
Arte Pública

Public Art Journal

Espaço–Corpo–Movimento:
territórios, práticas e deslocamentos
contemporâneos

Space–Body–Movement:
Contemporary territories,
practices and displacements

Vol. 8 / Nº 1

cap-journal.org

Title:
CAP- Public Art Journal
Cadernos de Arte Pública

Co-Editors:
Evandro Fiorin
Departamento de Arquitetura e Urbanismo, UFSC; Florianópolis-SC, Brasil
Lilian Amaral - Diversitas USP - Universidade de São Paulo, Brazil

Editor-in-chief and Publisher:
Pedro Soares Neves

Contact and information:
info@urbancreativity.org
Urbancreativity.org

ISSN (Print): 2184-6197
ISSN (Online): 2184-8157

This work is licensed under a (CC-BY 4.0)
Creative Commons Attribution-4.0 International License.
Authors and Editors - Lisbon 2026

Editorial / Editorial

Espaço–Corpo–Movimento: territórios, práticas e deslocamentos contemporâneos 6
Space–Body–Movement: Contemporary territories, practices and displacements
Evandro Fiorin

Artigos / Articles

Murals as Ephemeral Urban Heritage: Embodied Spatial Continuity Beyond Architecture 10
Aylin Şentürk

Comissão Científica / Scientific Committee

Alla Myzelev, the State University of New York at Geneseo, United States
Amal Eqeiq, Williams College, United States
Caterina Preda, University of Bucharest, Romania
Gabriela Vaz Pinheiro, FAUP, Portugal
Heather Shirey, University of St. Thomas, Minnesota, United States
Isabel Carrasco Castro, Marist College Madrid, Spain
Konstantinos Avramidis, University of Cyprus, Cyprus
Maciej Kowalewski, University of Szczecin, Poland
Mario Caeiro, ESAD.CR/IPL, Portugal
Nicholas Gamso, San Francisco Art Institute, United States
Sergio Vicente - FBAUL/ CIEBA/ coord. LTAP, Portugal
Tijen Tunali, Columbia University, USA
Vittorio Parisi, University Paris 1 Panthéon-Sorbonne, France

Co-Editores / Co-Editors

Evandro Fiorin - Departament of Architecture and Urbanism, UFSC; Florianópolis-SC, Brazil;
Lilian Amaral - Diversitas USP - Universidade de São Paulo, Brazil

Editor / Editor in chief and Publisher

Pedro Soares Neves,
Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa/Centro de Estudos Artísticos (CIEBA/FBAUL);
Laboratório Associado de Robótica e Sistemas de Engenharia / Instituto de Tecnologias Interativas (ITI/LARSyS/IST);
Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociedades (CIDEHUS/UE)

Research colaborator of: University of Lisbon Faculty of Fine Arts / Artistic Studies Research Centre (CIEBA/FBAUL);
Associate Laboratory of Robotics and Engineering Systems / Interactive Technologies Institute (ITI/LARSyS/IST);
Interdisciplinary Centre for History, Culture and Societies (CIDEHUS/UE)

Contacto e informações / Contact and information

info@urbancreativity.org
Urbancreativity.org

Cadernos
de Arte Pública
CAP Public Art Journal

Espaço–Corpo–Movimento / Space–Body–Movement
Submission 20/02/2026, Publication 30/03/2026
Vol.8, Issue 1, ISSN 2184-8157 by CAP-journal.org
e1351, https://doi.org/10.48619/cap.v8i1.A1351
Creative Commons CC BY 4.0

Espaço–Corpo–Movimento: territórios, práticas e deslocamentos contemporâneos
Space–Body–Movement: Contemporary territories, practices and displacements

Evandro Fiorin - Departament of Architecture and Urbanism, UFSC; Florianópolis-SC, Brazil

Pensar o mundo contemporâneo implica, inevitavelmente, pensar os modos pelos quais nos movemos, habitamos e somos afetados pelos espaços que produzimos e que, simultaneamente, nos produzem. É nesse entrelaçamento que se situa o dossiê "Espaço–Corpo–Movimento: territórios, práticas e deslocamentos contemporâneos", dedicado a investigar as relações entre espacialidade, corporeidade e movimento como dimensões indissociáveis da experiência contemporânea.

Espaço, corpo e movimento não são aqui compreendidos como categorias autônomas ou previamente delimitadas. Ao contrário, interessam-nos os processos pelos quais essas dimensões se constituem mutuamente, produzindo territórios, paisagens, práticas sociais, formas de vida e modos de subjetivação. O espaço deixa, assim, de ser tomado como mero suporte ou cenário das ações humanas para ser compreendido como experiência vivida, relacional e processual. O corpo, por sua vez, não aparece apenas como presença situada no espaço, mas como potência sensível, política e criadora, capaz de produzir e transformar territórios. O movimento, finalmente, ultrapassa a ideia de simples deslocamento físico para assumir também a condição de força de transformação, de passagem e de devir social, ecológico, político e simbólico.

Essa perspectiva torna-se particularmente relevante diante das profundas transformações que atravessam o presente. Fluxos globais de pessoas, mercadorias, imagens e informações coexistem com migrações, deslocamentos forçados, conflitos territoriais e diferentes formas de mobilidade. Ao mesmo tempo, cidades e paisagens são continuamente reconfiguradas por processos de urbanização, financeirização, emergência climática, transformações ambientais e disputas pelo direito de habitar e produzir o espaço. Entre mobilidades intensificadas e experiências de imobilidade, entre territórios de pertencimento e situações de deslocamento, emergem novas formas de relação entre corpos, lugares e ambientes.

É nesse campo de tensões que se inscrevem as contribuições reunidas neste dossiê. Interessa-nos compreender de que maneira os corpos produzem espacialidades e, reciprocamente, como os espaços modulam percepções, comportamentos, relações sociais e possibilidades de existência. Trata-se, portanto, de deslocar o olhar do espaço como objeto para o espaço como acontecimento: aquilo que se constitui nas práticas, nos encontros, nos conflitos, nos percursos e nas experiências corporais.

As questões que orientam este número são múltiplas. Como os corpos produzem e disputam territórios nas cidades contemporâneas? Que formas espaciais emergem em zonas de transição, fronteiras e paisagens em transformação? Como mobilidade, nomadismo e deslocamento produzem microterritorialidades e novas formas de habitar? Que práticas espaciais insurgentes tornam visíveis outros modos de ocupar, atravessar e imaginar a cidade? Como as cartografias qualitativas podem evidenciar territorialidades? E como pensar as relações de interdependência entre os corpos humanos e os ambientes em um contexto de transformações ecológicas profundas?

Também comparece o papel das artes e imagens na produção de pensamentos espaciais. Práticas artísticas, experimentações visuais, intervenções urbanas e processos curatoriais podem constituir não apenas formas de representação do espaço, mas modos de conhecê-lo, experimentá-lo e transformá-lo. A arte, nesse sentido, pode operar como uma prática espacial e como um dispositivo de deslocamento, abrindo inúmeras outras possibilidades de percepção, relação e imaginação dos territórios.

Do mesmo modo, pensar o movimento implica confrontar suas dimensões políticas. Migrações, fronteiras, deslocamentos forçados, circulação desigual e direito à cidade revelam que a possibilidade de mover-se tem se transformado de maneira profundamente assimétrica. Corpos distintos encontram diferentes graus de abertura, controle, vigilância e interdição nos espaços que atravessam. Investigar as políticas do movimento significa, portanto, perguntar quem pode circular, quem pode permanecer, quem é deslocado e quem tem o direito de produzir e transformar os lugares que habita.

O dossiê acolhe, nesse sentido, outras perspectivas interdisciplinares capazes de tensionar fronteiras entre arquitetura, urbanismo, geografia, artes visuais, filosofia, antropologia, estudos ambientais e práticas curatoriais. Mais do que reunir esses diferentes campos disciplinares sob um mesmo tema, buscamos aproximar os modos diversos de produzir conhecimento sobre o espaço, valorizando tanto a investigação conceitual e empírica quanto as metodologias experimentais, as práticas artísticas e as formas de pesquisa que envolvem diretamente o corpo.

Essa abertura metodológica é fundamental para uma discussão sobre espaço, corpo e movimento. Se o espaço é experiência, sua investigação não pode prescindir daquilo que é sensível, situado e incorporado. Da mesma maneira, se o corpo é produtor de espacialidades, torna-se necessário considerar práticas de criação, performance, intervenção, caminhada, observação, registro e experimentação como modos legítimos de produzir conhecimento. O corpo-criação, nesse contexto, pode constituir não apenas objeto de investigação, mas também método, instrumento e campo de pesquisa.

Ao reunir algumas pesquisas teóricas, investigações empíricas, ensaios visuais e experimentações metodológicas, este número procura criar um campo de interlocução em torno de uma questão fundamental: o que acontece quando compreendemos o espaço a partir dos corpos que o atravessam, dos movimentos que o constituem e das relações que nele se estabelecem?

Mais do que oferecer algumas respostas definitivas, o dossiê pretende produzir deslocamentos.
Deslocamentos conceituais, ao questionar separações tradicionais entre espaço e corpo, sujeito e ambiente, permanência e movimento.
Deslocamentos metodológicos, ao aproximar diferentes formas de pesquisa e criação.
Deslocamentos políticos, ao perguntar que outras formas de vida, de habitação e de imaginação territorial podem emergir quando reconhecemos o espaço como algo continuamente produzido por corpos em movimento.

Espaço–Corpo–Movimento, portanto, não designa apenas três dimensões de uma mesma problemática. O hífen entre os termos indica justamente a relação, a passagem e a contaminação entre eles. É nesse intervalo / entre o corpo e o território / entre o deslocamento e a permanência / entre a paisagem e a experiência / entre a criação e a pesquisa / que este dossiê procura se situar.

Esperamos que os trabalhos reunidos possam, assim, contribuir para pensar os territórios contemporâneos não como formas acabadas, mas como campos abertos de disputa, experiência e transformação. E, assim possam, também, nos convidar a reconhecer, nos movimentos dos corpos e nas práticas de habitar, a potência de produzir outros espaços e, com eles, outras possibilidades e outras existências.

ENGLISH

Thinking about the contemporary world inevitably implies thinking about the ways in which we move, inhabit, and are affected by the spaces we produce and that, simultaneously, produce us. It is within this intertwining that the dossier "Space–Body–Movement: contemporary territories, practices, and displacements" is situated, dedicated to investigating the relationships between spatiality, corporeality, and movement as inseparable dimensions of the contemporary experience.

Space, body, and movement are not understood here as autonomous or previously delimited categories. On the contrary, we are interested in the processes through which these dimensions mutually constitute one another, producing territories, landscapes, social practices, forms of life, and modes of subjectivation. Space, therefore, ceases to be taken as a mere support or backdrop for human actions and is understood as a lived, relational, and processual experience. The body, in turn, appears not just as a presence situated in space, but as a sensitive, political, and creative force, capable of producing and transforming territories. Finally, movement goes beyond the idea of simple physical displacement to also assume the condition of a force for transformation, passage, and social, ecological, political, and symbolic becoming.

This perspective becomes particularly relevant in light of the profound transformations sweeping through the present. Global flows of people, goods, images, and information coexist with migrations, forced displacements, territorial conflicts, and different forms of mobility. At the same time, cities and landscapes are continuously reconfigured by processes of urbanization, financialization, the climate emergency, environmental changes, and disputes over the right to inhabit and produce space. Between intensified mobilities and experiences of immobility, between territories of belonging and situations of displacement, new forms of relationship between bodies, places, and environments emerge.

It is within this field of tensions that the contributions gathered in this dossier are inscribed. We are interested in understanding how bodies produce spatialities and, reciprocally, how spaces modulate perceptions, behaviors, social relations, and possibilities of existence. It is, therefore, a matter of shifting the gaze from space as an object to space as an event: that which is constituted in practices, encounters, conflicts, pathways, and bodily experiences.

The questions guiding this issue are multiple. How do bodies produce and dispute territories in contemporary cities? What spatial forms emerge in transition zones, borders, and transforming landscapes? How do mobility, nomadism, and displacement produce micro-territorialities and new ways of inhabiting? What insurgent spatial practices make visible other modes of occupying, traversing, and imagining the city? How can qualitative cartographies highlight territorialities? And how can we think about the relationships of interdependence between human bodies and environments in a context of profound ecological transformations?

The role of arts and images in the production of spatial thought also comes to the fore. Artistic practices, visual experimentations, urban interventions, and curatorial processes can constitute not only forms of representing space, but modes of knowing, experiencing, and transforming it. Art, in this sense, can operate as a spatial practice and as a device for displacement, opening up countless other possibilities for perceiving, relating to, and imagining territories.

In the same way, thinking about movement implies confronting its political dimensions. Migrations, borders, forced displacements, unequal circulation, and the right to the city reveal that the possibility of moving has been transformed in a deeply asymmetrical manner. Different bodies encounter varying degrees of openness, control, surveillance, and interdiction in the spaces they traverse. Investigating the politics of movement means, therefore, asking who can circulate, who can remain, who is displaced, and who has the right to produce and transform the places they inhabit.

In this sense, the dossier welcomes other disruptive, interdisciplinary perspectives capable of challenging the boundaries between architecture, urbanism, geography, visual arts, philosophy, anthropology, environmental studies, and curatorial practices. Rather than merely gathering these different disciplinary fields under a single theme, we seek to bring together diverse ways of producing knowledge about space, valuing both conceptual and empirical investigation as well as experimental methodologies, artistic practices, and forms of research that directly involve the body.

This methodological openness is fundamental for a discussion on space, body, and movement. If space is experience, its investigation cannot dispense with that which is sensory, situated, and embodied. In the same way, if the body is a producer of spatialities, it becomes necessary to consider practices of creation, performance, intervention, walking, observation, recording, and experimentation as legitimate ways of producing knowledge. The body-as-creation, in this context, can constitute not only an object of investigation, but also a method, instrument, and field of research.

By bringing together theoretical research, empirical investigations, visual essays, and methodological experimentations, this issue seeks to create a space for dialogue around a fundamental question: what happens when we understand space through the bodies that traverse it, the movements that constitute it, and the relationships established within it?

Rather than offering definitive answers, the dossier aims to produce displacements.
Conceptual displacements, by questioning traditional separations between space and body, subject and environment, permanence and movement.
Methodological displacements, by bringing together different forms of research and creation.
Political displacements, by asking what other forms of life, inhabitation, and territorial imagination can emerge when we recognize space as something continuously produced by bodies in motion.

Space–Body–Movement, therefore, does not designate just three dimensions of the same problem. The hyphen between the terms indicates precisely the relationship, the passage, and the contamination between them. It is in this interval / between the body and the territory / between displacement and permanence / between landscape and experience / between creation and research / that this dossier seeks to position itself.

We hope that the collected works can thus contribute to thinking about contemporary territories not as finished forms, but as open fields of dispute, experience, and transformation. And, likewise, that they may invite us to recognize, in the movements of bodies and in the practices of inhabiting, the power to produce other spaces and, with them, other possibilities and other existences.